

O rotacismo na fala de crianças de Santo Amaro – Bahia

Rotacism in the articulation of children in Santo Amaro – Bahia

Eliana Muniz¹
Shirley Freitas²
Manuele Bandeira³

Resumo: Neste artigo, analisamos o rotacismo na fala de crianças em processo de alfabetização de Santo Amaro – BA, verificando se as ocorrências possuem uma regularidade quanto a aspectos linguísticos e sociais. A pesquisa considera que o rotacismo ocorre em virtude da semelhança de traços entre as consoantes /l/, /4/ e /r/ (CHOMSKY; HALLE, 1968). Para a pesquisa, foram realizadas gravações com 3 meninas e 3 meninos, cursando o 2º ano do ensino fundamental. Os testes foram divididos em quatro contextos: onset complexo com /l/ e com /4/, coda com /l/ e com /R/, com testes de nomeação de imagens e testes de leitura de palavras, totalizando 36 vocábulos. Os resultados mostraram a ocorrência do fenômeno, principalmente, em contexto de onset complexo em palavras como *plástico* [βπ4αστΣικΥ] e *bicicleta* [βισι∇κ4Eτ6], e sobretudo nos testes de nomeação, o que parece indicar a influência da grafia no rotacismo. Ressaltamos também um padrão de ocorrências na sílaba tônica e no contexto de coda não houve ocorrências de rotacismo.

Palavras-chave: Rotacismo. Coda e onset complexo. Fatores linguísticos e extralinguísticos. Crianças santamarenses.

Abstract: In this paper, we analyze the rotacism in the speech of children in the literacy process of Santo Amaro – BA, checking if the occurrences are regular in terms of linguistic and social aspects. The research considers that rotacism occurs due to the similarity of features between the consonants /l/, /4/ and /r/ (CHOMSKY; HALLE, 1968). For the research, recordings were made with 3 girls and 3 boys, attending the 2nd year of elementary school. The tests were divided into four contexts: complex onset with /l/ and with /4/, coda with /l/ and coda with /R/, with image naming tests and word reading tests, with a total of 36 words. The results showed the occurrences of the phenomenon, mainly in the context of complex onset in words like *plástico* [βπ4αστΣικΥ] and *bicicleta* [βισι∇κ4Eτ6], and especially in naming tests, which seems to indicate the influence of spelling on rotacism. We also emphasize a pattern of occurrences in the stressed syllable and in the context of coda there were no occurrences of rotacism.

Keywords: Rotacism. Coda and complex onset. Linguistic and extralinguistic factors. Children of Santo Amaro.

1 INTRODUÇÃO

O rotacismo consiste na alternância entre as consoantes líquidas: a lateral alveolar /l/ passa à vibrante múltipla /r/ ou vibrante simples/tepe /4/, na posição silábica de onset complexo, por exemplo, *bicicleta* pode variar como [βισι∇κ4Eτ6] ou [βισι∇κλEτ6], *planta* como [βπ43~τ6] ou [βπλ3~τ6] e na posição silábica de coda, temos em *me* que se realiza como [∇μεη] ou [∇μεω], *sal* como [∇σαρ] ou [∇σαω].

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus dos Malês. E-mail: elianamuniz18@hotmail.com.

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus dos Malês. E-mail: shirleyfreitas@gmail.com.

³ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus dos Malês. E-mail: manuelebandeira@unilab.edu.br.

Vários estudos foram feitos em diferentes regiões do país para analisar a existência do rotacismo, com diferentes grupos sociais e idades e através de várias perspectivas, demonstrando o quanto é recorrente o uso do rotacismo no português e buscando combater o preconceito que permeia quem o produz. As líquidas são conhecidas por formar um grupo de consoantes com traços em comum, permitindo a realização do rotacismo em vários itens lexicais. Segundo autores como Pereira e Albuquerque (2015), Costa (2006) e Tem Tem (2010), o rotacismo ocorre em duas posições silábicas, mas seria possível determinar em quais ambientes estaria mais propícia a sua realização ou mesmo se o onset complexo e a coda na posição de sílaba átona ou tônica influencia (ou não) o processo. No mesmo sentido, cogita-se que a realização do rotacismo por crianças que estão passando pelo processo de alfabetização pode apresentar um número menor de ocorrências, supondo que a redução do processo acontece pelo acesso à norma culta. Essas questões chamam a atenção para pesquisas e são motivadoras também para esse estudo.

Considerando esta temática, o presente trabalho tem o objetivo de analisar o processo fonológico de rotacismo na fala das crianças de Santo Amaro – Bahia, nas posições silábicas de coda e onset complexo tanto na leitura quanto na nomeação de imagens. Algumas perguntas nortearam a pesquisa: (i) o início do processo de alfabetização pode afetar a produção do rotacismo?; (ii) se tivermos a produção do rotacismo, há uma preferência de contexto silábico (onset complexo ou coda) para sua realização?; (iii) Existe um padrão para a realização do processo ligado à tonicidade da sílaba e o número de sílabas da palavra? A partir dessas perguntas, a análise possui ainda dois objetivos específicos: (i) verificar se existe um padrão de realização do rotacismo em relação a aspectos linguísticos (como a tonicidade da sílaba e o número de sílabas na palavra) e sociais (como sexo e grau de alfabetização); (ii) observar a diferença entre os dois tipos de teste (nomeação de imagens e leitura); (iii) analisar se o início do processo de alfabetização pode afetar a produção do rotacismo na fala das crianças observadas, havendo uma influência da escrita na pronúncia das palavras.

O artigo está dividido nas seguintes partes: na seção 2, apresentamos os aspectos teóricos relativos ao rotacismo, atestando a existência do fenômeno na formação do português até os dias atuais. Além disso, defendemos o rotacismo como uma variação natural e comum da língua. Na seção 3, é feita a descrição da metodologia da pesquisa, mostrando como o teste foi elaborado e realizado com crianças da rede pública de ensino na cidade de Santo Amaro – BA. Na seção 4, analisamos os dados colhidos a partir do teste. As análises foram realizadas em quatro contextos separados: com /l/ no onset complexo, com o /4/ no onset complexo, com o /R/ na coda e com o /l/ na coda, a partir dos testes de leitura e nomeação de imagens. Por fim, nas considerações finais são abordados os resultados encontrados no decorrer da pesquisa.

2 O ROTACISMO

O fenômeno do rotacismo é definido como a troca de /l/ por /r/ ou /4/, esse processo acontece nas palavras em duas posições silábicas: na posição de onset complexo,

ou seja, quando a consoante é alterada entre uma consoante e uma vogal na mesma sílaba (*praca* por *placa*; *broco* por *bloco*; *bicicreta* por *bicicleta*) e na posição de coda, quando a consoante pós-vocálica é substituída (*armoço* por *almoço*; *carcanbar* por *calcanbar*; *parmeira* por *palmeira*). O rotacismo é um processo fonológico que se torna possível na língua porque as consoantes líquidas que são trocadas possuem muitos traços semelhantes (discutiremos esse ponto mais à frente). Com isso, muitos estudos, como este, estão sendo realizados para analisar o fenômeno a partir de pesquisas e coletas de dados, para compreender e detectar a existência (ou não) do rotacismo na fala dos brasileiros.

O rotacismo é considerado um fenômeno antigo nos estudos fonéticos do português e vem sendo definido de diferentes maneiras pelos linguistas. Freitag et al (2010, p. 18) escrevem que o rotacismo é denominado como “[...] a neutralização de uma líquida lateral por uma líquida vibrante em sílabas do tipo CCV [consoante-consoante-vogal]”. E citam a neutralização das consoantes em palavras como ‘brusa’ por ‘blusa’, destinando-se a analisá-la apenas na posição de onset complexo. Para Pereira e Albuquerque (2015, p. 37), “[...] esse fenômeno se caracteriza pela troca do som consonantal L pelo som consonantal R” e os autores salientam que pode ocorrer em palavras como ‘Cláudia’, ‘planta’, ‘problema’, ‘asfalto’, ‘bolsa’, ‘alguém’, que se tornam ‘Cráudia’, ‘pranta’, ‘probrema’, ‘asfarto’, ‘borsa’, ‘arguém’.

Neste trabalho assumiremos a perspectiva teórica adotada por Costa (2006, 2011) de que o rotacismo é um fenômeno em que as líquidas lateral alveolar /l/ e vibrante múltipla /r/ ou simples/tepe /4/ podem ser substituídas em contextos de coda e de onset complexo, como, por exemplo, a realização de “almoço” por “a[4]moço”, “a[□]moço” ou “a[Γ]moço” e “planta” por “p[4]anta”, respectivamente.

Com base em Seara et al (2011), as consoantes líquidas compartilham traços fonéticos e fonológicos similares que as permitem serem substituídas em determinados contextos no português brasileiro. Do ponto de vista fonético, as consoantes /l/, /4/ e /r/ possuem propriedades iguais: o mesmo ponto de articulação alveolar, a mesma ressonância oral e a mesma vibração laríngea sonora, distinguindo-se apenas no modo de articulação, sendo o /l/ uma lateral, o /r/ vibrante múltipla e o /4/ vibrante simples. Do mesmo modo, comungam aproximações na teoria dos traços fonológicos binários de Chomsky e Halle (1968); sendo assim, os traços fonológicos binários conseguem descrever os fonemas /l/ e /4/ como igualmente [- silábicos, + consonantais, + soantes, + anteriores, + coronais, - altos, - baixos, - recuados, - arredondados, + contínuos, - estridentes, - nasais, - solturas retardadas e + vozeados] com apenas uma única diferença: o /l/ é mais lateral e o /4/ é menos lateral, sendo que para a configuração deste sistema modificar uma das líquidas significa mudar o valor de um traço, que neste caso é o traço [lateral].

As semelhanças entre as líquidas /l/ e /r/ são menores, aumentando assim o nível de diferenças entre elas nos traços: lateral, contínuo, anterior, recuado e alto (/r/: - lateral, - contínuo, - anterior, + recuado, + alto). E quando se restringe a análise dos traços de Chomsky e Halle para os róticos /r/ e /4/, as disparidades estão entre os traços alto, recuado, anterior e contínuo. Seguindo essa perspectiva dos traços binários, as chances de

ocorrência do rotacismo seriam mais favoráveis na alternância da lateral com um tepe do que com uma vibrante múltipla, porque o grau de semelhança entre o /l/ e o /4/ acontece em 14 dos 15 traços dos sons consonantais. Em suma, essas duas consoantes apresentam na fonética mais aspectos em comum do que discrepantes, formando uma classe singular de consoantes na língua portuguesa com características únicas que as fazem ocupar a posição de segunda consoante dentro de uma sílaba (GOMES; SOUZA, 2015).

Nas perspectivas teóricas da fonologia, as laterais e as vibrantes têm ganhado destaque nas pesquisas, pois essas consoantes são os únicos sons que conseguem partilhar dos traços consonantal, soante e silábico na Teoria dos traços fonológicos distintivos (teoria oriunda do Círculo Linguístico de Praga). Elas são também os únicos segmentos capazes de ocupar tanto a posição de segunda unidade em um onset complexo, quanto a coda. Visto que as consoantes laterais e vibrantes compartilham dos mesmos traços fonológicos, o rotacismo torna-se um fenômeno permitido na língua e se concretiza em duas posições na estrutura das palavras, nos encontros consonantais tautossilábicos, como em *craro* por *claro*, *ingrês* por *inglês* e nas codas silábicas, como em *carção* por *calção*, *armofada* por *almofada*.

Em algumas situações, as consoantes /l/ e /r/ ou /4/ podem apresentar formas lexicais que variam em suas produções orais, mas possuem os mesmos referentes porque dentro deste contexto linguístico as consoantes são alofones, sendo assim, não têm oposição. Em palavras como *flor*, que no processo fonológico passa para *fror*, os falantes utilizam na pronúncia o [4] no lugar do [l] e em palavras como *algodão* que muda para *argodão* podem ser usados [□], [Γ], [ʹ] (para representar a realização do /r/ forte) ou [4] no lugar do [l], mas estas variações nas pronúncias das palavras não alteram seus significados. Entretanto, em outros contextos as líquidas [l] e [r] ou [4] podem indicar significados distintos dentro de uma palavra, a citar *clava* (pedaço de pau grosso) e *crava* (do verbo cravar), *mar* (extensão de água salgada) e *mal* (o mesmo que ruim), o que indica o caráter fonológico desses segmentos. Em suma, o rotacismo acontece somente quando a consoante lateral é alterada por um dos róticos e não estabelece mudança de significado do léxico.

Do ponto de vista linguístico, o fator que condiciona o rotacismo baseia-se na escala de força de Hooper (1976). A escala de força propõe que existem segmentos mais fortes e segmentos mais fracos, partindo das seguintes características: glides correspondem ao número 1; líquidas ao número 2; nasais ao número 3; contínuas sonoras ao número 4; obstruintes sonoras e contínuas surdas ao número 5; obstruintes surdas ao número 6.

Segundo a escala de Hooper (1976) para analisar a alternância da lateral (/l/ em /r/) ou o apagamento de uma vibrante (/r/ em Ø), deve ser considerada a organização das consoantes nas palavras, uma vez que cada consoante tem uma força mediante a escala. Para a troca o ou apagamento das líquidas, observam-se as seguintes condições:

- (i) quanto se tem outra líquida na palavra, existe uma possibilidade maior de surgir uma vibrante nas sílabas com a formação consoante + /l/, a exemplificar: “*problema*” que passa para “*probrema*”

- (ii) nas sílabas que apresentam uma consoante + um rótico, é possível o apagamento, exemplificando: “*problema*” que passa para “*poblema*” ou até mesmo ambos os fenômenos concomitantemente (apagamento e rotacismo) passando “*problema*” para “*pobrema*”.

Assim, a presença de outra líquida na palavra pode favorecer a ocorrência do rotacismo, assim como também o apagamento de uma vibrante.

Para Tem Tem (2010), o processo ocorre no nível interno da língua porque existe uma escala de sonância de Kiparsky (1979) e Bonet e Mascaró (1996), que organiza os segmentos da seguinte forma: oclusivas < fricativas e vibrantes < nasais < laterais < glides e tepe < vogais e diferencia a sonoridade entre o tepe, a lateral e a vibrante. A sonância dos segmentos justifica a escolha para o posicionamento das consoantes no rotacismo, como afirma Tem Tem:

Os valores distintivos entre esses segmentos justificam a predominância da vibrante no ataque, pois o crescimento da sonância seria mais abrupto (da vibrante à vogal), e do tepe como segundo elemento de um grupo consonantal (ataque complexo) ou na coda silábica. (TEM TEM, 2010, p. 33-34)

Portanto, nos onsets existe um aumento de sonoridade, por isso se usa a vibrante múltipla – /r/ no lugar da lateral – /l/. O fenômeno é explicado na escala de sonância porque a vibrante fica mais longe das vogais, assim tem a sonância menor que a lateral, havendo uma diferença maior de sonância na passagem da consoante para a vogal. E para realização de um onset complexo ou uma coda silábica opta-se por tepe, pois a consoante /r/ tem sonância maior do que a lateral.

No que tange à avaliação social, desde o início da formação do português em documentos escritos no latim vulgar (*Appendix Probi*, do século VIII d. C.), o rotacismo vem recebendo o *status* de uma variação negativa, avaliação esta que persiste com o passar dos tempos. O rotacismo não se enquadra como uma variedade linguística reconhecida pelas gramáticas, em nível de ser ensinado nas escolas. O fenômeno tem sido estigmatizado – abrindo caminho para o preconceito linguístico (BAGNO, 2007) – por ser considerado um modo “errado” de pronunciar as palavras, pois está associado às pessoas das camadas menos privilegiadas da sociedade, ou seja, os falantes das zonas rurais, das zonas periféricas, os não escolarizados, entre outros (FREITAG et al, 2010), com exceção das pessoas que têm dificuldades articulatórias para produzir a consoante lateral envolvida no rotacismo.

Entretanto, como pode ser comprovado através da história da formação da língua portuguesa, a neutralização entre as consoantes líquidas /l/ e /r/ ou /r/ não é um “erro” ou “burrice”, ocorrendo na passagem de muitos vocábulos do latim para o português: *placere* > *prazer*, *blandu* > *brando* (COSTA, 2006). Trata-se de um processo fonológico natural da língua que participou da formação do português padrão e atualmente faz parte do português popular sendo estigmatizado e rotulado como “erro”. Segundo Bagno (2007), o problema não estaria no que é dito, mas por quem é dito o rotacismo, sendo que as pessoas são tachadas pelo que falam por causa de sua condição social. Tal situação

gera o que ele intitula “preconceito social”, ou seja, a discriminação ocorre motivada pela classe socioeconômica a que o indivíduo que fala o rotacismo pertence.

Neste trabalho assumimos a proposta de defender que o rotacismo não é um “erro”, mas uma variação intrínseca ao português brasileiro, ou seja, uma maneira legítima de falar, que a gramática normativa “não reconhece” (não aceita) porque é uma variedade não padrão e por isso existe tanta resistência. Afirmar que quem fala “pranta”, “bicicreta”, “praca”, “mer”, “carça” ou “probrema” está falando “certo” ou “errado” não é uma questão linguística, mas sim uma questão política e social que rege a língua. E assumir que o português brasileiro é homogêneo já se provou errado diante da imensa variedade linguística que constitui o país, fazendo do rotacismo mais uma prova da diversidade de formas com que podemos nos comunicar e interagir sem ferir os princípios da comunicação e interação.

3 METODOLOGIA

Geralmente, as pesquisas acerca do rotacismo assumem uma postura sociolinguística com o embasamento teórico variacionista laboviano (LABOV, 1994, 2001, 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), com análise dos dados voltada para a perspectiva quantitativa. Com o método sociolinguístico quantitativo (GUY; ZILLES, 2007), através de um elevado número de dados, monta-se uma chave de codificação para observar como os contextos linguísticos e extralinguísticos afetam o fenômeno estudado. Em seguida, é feita uma análise estatística dos dados, usando programas específicos e apontando, através de porcentagens e pesos relativos, quais os contextos favorecedores e desfavorecedores do fenômeno.

Neste trabalho, não faremos uso do método quantitativo (em virtude do baixo número de dados), mas buscaremos observar se alguns fatores linguísticos influenciam o rotacismo, respondendo a algumas perguntas, como: o elemento estar na sílaba tônica influencia ou não o rotacismo; o número de sílabas da palavra influencia ou não o rotacismo; o rotacismo acontece mais no onset complexo ou na coda; há um padrão (ou não) para realização do rotacismo no onset complexo e na coda. Quanto aos fatores extralinguísticos, será realizada uma análise considerando o sexo e a escolaridade. Os aspectos sociais não serão analisados em profundidade (o que pode ser objeto de um estudo futuro), não sendo consideradas, por exemplo, as condições sociais das crianças e dos pais ou o nível de escolaridade dos pais.

Apontado esse enquadramento geral, a pesquisa tem como objetivo analisar o fenômeno do rotacismo a partir da fala de crianças da Escola Municipal Coronel Francisco Pinto, localizada na cidade de Santo Amaro – BA. A escola fica localizada em uma comunidade conhecida como Ideal, onde a maioria de seus moradores são pessoas de baixa renda que vivem principalmente do comércio, de prestação de serviços terceirizados e do trabalho informal.

Para a pesquisa foi escolhida uma turma dessa unidade escolar, o 2º ano matutino, composta por 15 (quinze) alunos e dessas, e 3 (três) meninas e 3 (três) meninos participaram como informantes do teste. Para isso, os documentos necessários para

autorização dos testes foram enviados para os responsáveis dos menores, que concordaram que seus filhos participassem da pesquisa, assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para escolha dos 6 (seis) informantes, seguimos os critérios de selecionar as crianças que fossem alfabetizadas ou quase alfabetizadas no que se refere a conseguir realizar a leitura de palavras e uma quantidade igual de meninos e meninas com as mesmas idades ou com diferença de um ano. A classificação da criança como alfabetizada ou não teve como base o fato da criança já demonstrar conhecimento do alfabeto do português e da grafia da língua, sendo capaz de decodificar os vocábulos.

O quadro 1 apresenta o perfil dos informantes: sua identificação (usando apenas iniciais para preservar a identidade das crianças), idade, sexo e escolaridade.

Quadro 1: Perfil do informantes

IDENTIFICAÇÃO	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE
AM	8 anos	feminino	alfabetizado
IA	7 anos	masculino	alfabetizado
LS	7 anos	feminino	sendo alfabetizado
DC	8 anos	masculino	alfabetizado
MV	7 anos	masculino	alfabetizado
MJ	8 anos	feminino	sendo alfabetizado

Fonte: Elaborado pelos autores

Ressaltamos que a maioria dos alunos da turma não estava alfabetizada e a diferença entre os níveis de alfabetização era muito discrepante, exemplificando: uns conseguiam fazer a leitura das palavras sem maiores dificuldades, outros estavam na fase silábica e outros nem conseguiam formar sílabas. O nível de alfabetização é relevante para o teste porque os informantes precisam realizar a leitura das palavras, sendo assim, a docente responsável pela turma foi fundamental para ajuda na escolha das crianças, pois, por ela acompanhar o desenvolvimento de cada aluno durante todo o período letivo, conhece o nível de alfabetização das mesmas.

Para a escolha das palavras que aparecem no teste, seguimos um critério de selecionar palavras que são de conhecimento ou do ambiente de crianças que estão no nível escolar do ensino fundamental – anos iniciais, para que assim se formasse uma atmosfera mais natural e propícia para a realização do experimento e, conseqüentemente, para resultados mais espontâneos. A seleção das palavras também seguiu um critério gramatical no que se refere a sua extensão silábica e à tonicidade das sílabas, pois foram selecionadas palavras com /l/, /r/ e /4/ na coda e no onset complexo, de uma até cinco sílabas, sendo que o local da sílaba tônica alternasse podendo ser oxítônica, paroxítônica ou proparoxítônica. Nos testes, constam 36 palavras sendo 18 com /l/ e /R/ na coda silábica e 18 com /l/ e /4/ no onset complexo, descritas no quadro 2 com o número de sílabas e a tonicidade – que está sendo considerada em relação à localização da coda ou do onset complexo na palavra:

Quadro 2: Palavras com /l/ ou /R/ em coda e com /l/ ou /4/ em onset complexo

Coda			Onset complexo		
Palavras	Tonicidade	Número de Sílabas	Palavras	Tonicidade	Número de Sílabas
<u>mel</u>	tônica	1 sílaba	<u>flor</u>	tônica	1 sílaba
<u>sal</u>	tônica	1 sílaba	<u>bíblia</u>	átona	2 sílabas
<u>bolsão</u>	átona	2 sílabas	<u>bloco</u>	tônica	2 sílabas
<u>Brasil</u>	tônica	2 sílabas	<u>planta</u>	tônica	2 sílabas
<u>calça</u>	tônica	2 sílabas	<u>flamengo</u>	átona	3 sílabas
<u>álcool</u>	tônica	3 sílabas	<u>floresta</u>	átona	3 sílabas
<u>algema</u>	átona	3 sílabas	<u>planeta</u>	átona	3 sílabas
<u>algodão</u>	tônica	3 sílabas	<u>plástico</u>	tônica	3 sílabas
<u>alfabeto</u>	átona	4 sílabas	<u>teclado</u>	tônica	3 sílabas
			<u>bicicleta</u>	tônica	4 sílabas
			<u>biblioteca</u>	átona	5 sílabas
<u>mar</u>	tônica	1 sílaba	<u>cruz</u>	tônica	1 sílaba
<u>colher</u>	tônica	2 sílabas	<u>cravo</u>	tônica	2 sílabas
<u>porta</u>	tônica	2 sílabas	<u>livro</u>	átona	2 sílabas
<u>árvore</u>	tônica	3 sílabas	<u>brócolis</u>	tônica	3 sílabas
<u>nadador</u>	tônica	3 sílabas	<u>estrela</u>	tônica	3 sílabas
<u>professor</u>	tônica	3 sílabas	<u>frigideira</u>	átona	4 sílabas
<u>remador</u>	tônica	3 sílabas	<u>microfone</u>	átona	4 sílabas
<u>sorvete</u>	átona	3 sílabas			
<u>borboleta</u>	átona	4 sílabas			

Fonte: Elaborado pelos autores

Para a construção do teste não foram consideradas todas as combinações possíveis para a presença de onsets complexos com todas as tonicidades e em palavras com todos os números de sílabas (por exemplo, o onset complexo [p4] não foi considerado em posição átona em palavras com duas, três, quatro e cinco sílabas e em posição tônica em palavras com um, duas, três, quatro e cinco sílabas; o mesmo ocorrendo para os demais onsets) porque a pesquisa ficaria muito extensa e exaustiva, aumentando a duração do experimento, o que poderia impactar na realização da tarefa. Se analisássemos todos os contextos, o fator cansaço poderia influenciar nos resultados. Da mesma forma, não foram consideradas as codas mediais e finais em todas as tonicidades e números de sílabas (ou seja, /l/ em coda medial átona em palavras com duas, três, quatro e cinco sílabas, /l/ em coda medial tônica em palavras com uma, duas, três, quatro e cinco sílabas, /l/ em coda final átona em palavras com duas, três, quatro e cinco sílabas, /l/ em coda final tônica em palavras com uma, duas, três, quatro e cinco sílabas; o mesmo sendo feito para o /R/).

Cada palavra selecionada para compor o teste foi colocada em uma folha de papel A4 (uma com a imagem e outra com a palavra escrita) para mostrar às crianças. Houve uma maior preocupação na escolha das imagens para que fossem adequadas às idades e para evitar ambiguidades (por exemplo, no caso da palavra *professor*, foi colocada uma

imagem de uma sala de aula com um professor e os alunos com uma seta apontando para o professor a fim de indicar que a palavra a ser pronunciada era a que se referia a ele).

A pesquisa de campo apoiou-se no método de gravações de testes, que ocorreram em dois momentos: no primeiro momento do teste, os informantes foram estimulados a nomear as imagens que viam completando a seguinte frase “Digo _____ baixinho”. A partir dos desenhos que lhes eram mostrados, as crianças deveriam dizer o nome do desenho dentro da frase, como, por exemplo, “Digo *planta* baixinho”; no segundo momento do teste, os informantes fizeram a leitura das palavras e as encaixaram na mesma sentença “Digo _____ baixinho”. A frase veículo foi utilizada para não parecer que os informantes estavam apenas listando as palavras, pois quando as palavras são colocadas na frase, introduz um contexto, o que torna o teste mais natural, evitando, assim, a leitura em lista, o que é muito comum quando se lêem palavras isoladas em voz alta. Antes das palavras usadas para o teste, foram incluídas três palavras, que não faziam parte do *corpus* da pesquisa, a fim de perceber se as crianças tinham entendido o que deveria ser feito. Tanto no teste de nomeação quando no de leitura, as palavras e as imagem escolhidas remetem para os mesmos referentes, alterando apenas a ordem em que aparecem no experimento, visto que a ordem escolhida foi aleatória e a sequência das mesmas não se repete nos dois testes nas duas repetições. Após os testes gravados, as palavras proferidas pelos informantes foram transcritas. Tais transcrições foram realizadas de oitiva, havendo a análise de mais de um pesquisador.

As gravações se desenvolveram com os 6 (seis) informantes no mesmo dia, com um de cada vez realizando as quatro sequências (duas de nomeação de imagens e duas de leitura), com as gravações durando em média 5 (cinco) minutos. Dois informantes enfrentaram dificuldades em parte do teste da leitura de palavras, pois ainda estão em processo de alfabetização. Porém os outros quatro informantes concluíram os testes sem maiores problemas. Salientamos que mesmo com as dificuldades enfrentadas por parte dos informantes para realização dos testes, buscamos não influenciar em suas respostas para que os resultados não fossem prejudicados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

No primeiro momento, faremos um panorama geral dos informantes e seus respectivos desenvolvimentos na coleta de dados, em seguida será realizada uma análise mais detalhada e descritiva das palavras nos dois contextos silábicos: com as consoantes líquidas /l/ e /4/ no onset complexo e /l/ e /R/ na coda. Ressaltamos que em posição de coda não há oposição entre r forte e r fraco, o que é indicado pelo arqúfonema /R/ que pode ser realizado como [ŋ, ɲ, ξ, Γ, 4, ρ, ◆, ”]. Em posição intervocálica, a oposição entre os dois tipos de r se mantém, a exemplo de [∇κᵱ4Y] ‘caro’ e [∇κᵱᵱY] ‘carro’, mas na coda ocorre a neutralização, sendo assim, não há diferença de significado entre [∇μᵱ4] e [∇μᵱᵱ].

4.1 ANÁLISE GERAL

Como mencionado na seção 2, os testes ocorreram com seis crianças, sendo três meninas e três meninos, que cursam o 2º ano matutino do ensino fundamental. Por se tratar de uma turma pequena, com apenas quinze alunos, quatro meninas e onze meninos, não houve muitas opções de substituições de informantes por causa do nível de alfabetização baixo em que a maioria do alunado se encontrava, principalmente as informantes.

No momento das gravações, duas das meninas selecionadas para a pesquisa não conseguiram completar o último bloco dos testes de leitura (o primeiro bloco foi realizado com duas gravações de nomeação de imagens e o segundo bloco foi com duas gravações de leitura de palavras). Mesmo com essas dificuldades, elas não puderam ser substituídas por outras alunas, visto que a única aluna que havia na sala estava em um nível de alfabetização menor que as outras e não conseguiria fazer a parte da leitura no teste.

Nesse momento buscar outra turma para realizar a pesquisa era inviável. Não havia a possibilidade de mudar de turma para os testes na escola, pois a turma vespertina do 2º ano possuía dificuldades maiores do que a matutina, sem mencionar que no turno da manhã a professora se disponibilizou a aceitar a pesquisadora em sala de aula.

Além disso, a escolha pela turma do 2º ano em específico foi porque os alunos estavam começando a se inserir no mundo da escrita e em uma turma com crianças mais velhas a realidade já é mais diferenciada. As crianças mais velhas e em séries mais avançadas já possuem mais influências do universo da escrita, pois têm mais anos de escolaridade e, em virtude disso, provavelmente, os casos de rotacismo poderiam ser mais raros ou mesmo inexistentes.

Durante o período de observação da turma, foi possível diagnosticar a diferença entre os níveis de alfabetização dos alunos. Uma parcela muito pequena da turma conseguia ler palavras e frases e estava em um grau de alfabetização correspondente à série; outra parcela apenas lia palavras pouco complexas, em grau de alfabetização intermediário; já a maioria da turma apresentava grandes dificuldades de unir as sílabas e formava palavras em contextos de sílabas simples. Havia uma disparidade no processo de alfabetização dos alunos, o que pode ter influenciado diretamente no resultado dos testes de leitura de alguns alunos.

Nesse contexto, os seis informantes possuíam níveis de alfabetização diferentes entre eles. Os informantes IA e MV estavam em um nível de alfabetização adequado e regular, já os informantes AM e DC estavam em processo intermediário de alfabetização, enquanto os informantes LS e MJ não conseguiram realizar o segundo momento do teste de leitura e também apresentaram dificuldades com o primeiro momento, não lendo algumas palavras, por causa do processo de alfabetização no qual se encontravam e enfrentavam dificuldades de reunir as sílabas das palavras.

Desse modo, houve diferença no grau de alfabetização entre as crianças dos sexos masculino e feminino da pesquisa. Os meninos estavam em um nível maior de alfabetização do que as meninas: duas meninas mostraram nível mais baixo e a outra, um nível intermediário, enquanto dois meninos estavam com o nível adequado e o outro menino com o nível intermediário de alfabetização.

Em relação à produção do fenômeno do rotacismo, constatamos que dos seis informantes selecionados para os testes, ao menos cinco produziram o rotacismo. As palavras em que mais aconteceu a troca do /l/ por /4/ foram *bicicleta* [βισι∇κ4↔τ6], *bloco* [∇β4OkY] e *flor* [∇φ4o]. As palavras que sofreram o processo fonológico de rotacismo estão no contexto silábico de análise para a posição de onset complexo, havendo uma preferência dos informantes em utilizar nessas situações uma vibrante simples (tepe) no lugar em que, canonicamente, estaria uma consoante lateral.

Observamos que alguns informantes produziram o rotacismo com maior frequência do que outros. Houve informantes que realizaram apenas uma vez o fenômeno do rotacismo, como foi o caso da informante LS com [τε∇κ4αδY], enquanto outros informantes produziram seis e sete ocorrências do fenômeno (em palavras diferentes), que são os casos de DC com [βισι∇κ4↔τ6] e [∇φ4o] (duas vezes cada), [∇π43~τ6] e [∇π4αστΣικY] (uma vez cada) e MJ com [βισι∇κ4Eτ6] (três vezes), [∇β4OkY] (duas vezes), [∇β4ιβ4φ6] e [∇φ4o] (uma vez cada), respectivamente. É possível presumir a partir desses dados que no caso do falante que produz uma vez o processo, pode ter ocorrido um lapso em sua fala ou mesmo a produção com rotacismo ser específica de um determinado vocábulo. A tabela 1 apresenta a distribuição das ocorrências do rotacismo entre os informantes:

Tabela 1: Distribuição do rotacismo entre os diferentes informantes

Informante	Total de dados de nomeação	Rotacismo na nomeação	Total de dados de leitura	Rotacismo na leitura
AM	42	03	60	-
IA	45	-	69	-
LS	41	01	12	-
DC	33	03	49	02
MV	55	02	70	-
MJ	37	05	08	01

Fonte: Elaborada pelos autores

Os casos de ocorrência do rotacismo foram em grande parte nos testes de nomeações das imagens. Os informantes produziram o rotacismo principalmente nos testes em que eles não tinham contato com as palavras escritas e precisavam nomear as imagens sem suas respectivas leituras. Isso resultou em uma pequena diferença entre as realizações dos testes de leitura e nomeação de imagem. Tal situação implica que a escrita pode ter influenciado a pronúncia da palavra, ou seja, o acesso à palavra escrita (em que aparecia o grafema <l>) pode acabar inibindo a realização do rotacismo em alguns momentos do teste.

Quanto a aspectos linguísticos, observamos uma regularidade no processo de rotacismo no que se refere à tonicidade das sílabas e irregularidade no tocante à quantidade de sílabas das palavras. Na pesquisa, o processo do rotacismo apareceu nas palavras com onset complexo (com /l/) em sílaba tônica, apresentando uma regularidade para as realizações colhidas no teste, [∇φ4o], [∇β4OkY], [∇β4iβ4φ6], [∇π43~τ6], [∇π4αστΣικY], [τε∇κ4αδY] e [βισι∇κ4ετ6], como veremos na seção 4.2.1. Porém quanto ao número de sílabas, não se encontra um padrão de realização do rotacismo, sendo assim, as palavras que foram produzidas com a alternância do /l/ para o /4/ possuem uma irregularidade em número de sílabas. Os aspectos linguísticos (sílabas tônica e número de sílabas na palavra) colaboram para entender se há um padrão ou não para realização do rotacismo nas palavras, com o teste constatamos um favorecimento do processo na sílaba tônica e nenhuma influência no número de sílabas.

Foi possível verificar também a ausência da troca entre as líquidas na coda silábica. Em toda a coleta de dados, tanto na etapa de leitura quanto na de nomeação de imagens, não foi encontrada alternância entre as variantes /l/ e /R/ em contexto de coda. Os informantes não realizaram o rotacismo na coda, mas apagaram, em algumas palavras, o /R/ que aparecia nesses contextos, com em *colher* [κO∇ΛE], *remador* [ηεμo∇δο] e *sorvete* [σο∇ωετΣI]. Já no caso do /l/ em posição de coda, não houve apagamento.

4.2 ANÁLISE DAS PALAVRAS EM CADA CONTEXTO SILÁBICO

Para melhor explanação e organização da análise dos dados, as 36 (trinta e seis) palavras serão divididas a partir de quatro critérios: itens lexicais em que a consoante lateral - /l/ está no onset complexo, itens lexicais em que a vibrante simples/tepe - /4/ está no onset complexo, palavras em que consoante lateral - /l/ está na coda e palavras em que a vibrante simples/tepe - /4/ ou a vibrante múltipla - /r/ (no caso o arquifonema /R/) está na coda.

4.2.1 Onset complexo com /l/

A pesquisa de campo possui onze palavras em que a consoante lateral aparece em contexto de onset complexo. São palavras compostas por uma sílaba, *flor*, por duas sílabas, *planta*, *bloco* e *bíblia*, por três sílabas, *planeta*, *teclado*, *floresta*, *flamengo* e *plástico*, por quatro sílabas, *bicicleta*, e por cinco sílabas, *biblioteca*, com o /l/ em onset complexo em sílabas átonas e tônicas.

Do conjunto de onze palavras com o /l/ ocupando a segunda posição do onset complexo, cada informante produziu quatro testes, sendo dois de leitura e dois de nomeação de imagens (com exceção dos informantes que só realizaram um teste de leitura), deste modo, somaríamos 44 (quarenta e quatro) repetições para esse contexto silábico para cada informante, totalizando 264 (duzentos e sessenta e quatro) dados. Contudo, conforme mencionado, temos os casos em que as palavras não foram

produzidas, assim sendo, ao final, foram produzidas 161 (cento e sessenta e uma) palavras nesse contexto.

Neste cenário, houve ocorrência do rotacismo tanto na etapa da leitura quanto na de nomeação de imagens da parte de 5 crianças. O informante AM produziu nos testes de nomeação de imagens duas vezes a palavra [vβ4OkY] e uma vez a palavra [vβ4iβ4φ6]. O informante DC nos testes de leitura realizou a palavra [vφ4o] duas vezes e [vπ4αστΣικY] uma vez e na nomeação de imagens [βισιvκ4↔τ6] duas vezes e [vπ43~τ6] uma vez. O informante LS realizou [τεvκ4αδY] no teste de nomeação apenas uma vez. O informante MJ produziu as palavras [βισιvκ4↔τ6] duas vezes, [vβ4OkY] duas vezes e [vφ4o] uma vez no teste de nomeação, no de leitura falou uma vez [βισιvκ4↔τ6] e no teste de nomeação pronunciou uma vez [vβ4iβ4φ6]. O informante MV, por fim, realizou na nomeação de imagens duas vezes a palavra [τεvκ4αδY].

A tabela 2 mostra as palavras realizadas com rotacismo nos testes, trazendo o número total de cada palavra (pronunciada com e sem rotacismo), o número de vezes em que o rotacismo ocorreu na tarefa de nomeação e na de leitura e, por fim, o total de ocorrências de rotacismo.

Tabela 2: Realização do rotacismo do /l/ em onset complexo

Palavras	Total de dados	Rotacismo na nomeação	Rotacismo na leitura	Total de rotacismo
[vβ4OkY]	20	04	-	04
[vβ4iβ4φ6]	19	02	-	02
[vφ4o]	21	01	02	03
[βισιvκ4↔τ6]	22	04	01	05
[vπ43~τ6]	18	01	-	01
[τεvκ4αδY]	12	03	-	03
[vπ4αστΣικY]	08	-	01	01

Fonte: Elaborada pelos autores

A partir da tabela 2, observa-se que o rotacismo esteve mais presente na tarefa de nomeação do que na de leitura (com exceção da palavra *plástico*). Esses resultados se coadunam àqueles encontrados por Freitag et al. (2010), que analisam o rotacismo na fala e na escrita dos alunos das escolas públicas do município de Moita Bonita, no Sergipe. Os autores compararam as ocorrências coletadas entre fala e escrita e concluíram que a realização do rotacismo em palavras como “brusa”, “broco” e “pranta” na fala é mais presente do que na escrita, sugerindo que com a escolarização os informantes assumiram a variedade padrão na escrita e na fala continuaram com a variedade não padrão da língua.

Os itens lexicais que sofreram a alternância do /l/ por /4/ não apresentam um padrão em relação ao número de sílabas, mas ocorreram casos recorrentes em que a consoante /κ/ está presente, a citar, [τε∇κ4αδY] e [βισι∇κ4↔τ6]. É possível questionar se essa consoante favoreceria o fenômeno, mas para uma análise mais detalhada de tais situações, seria necessária uma pesquisa mais aprofundada, com uma quantidade maior de palavras com consoantes diferentes e com um maior número de informantes.

Outro importante ponto a ser destacado é o rotacismo em palavras em que o onset complexo está na sílaba tônica. Esse processo com a sílaba mais forte da palavra acontece com todos os vocábulos produzidos pelos informantes, como em [∇φ4o], [∇β4OkY], [∇β4iβ4φ6], [∇π43~τ6], [∇π4αστΣικY], [τε∇κ4αδY] e [βισι∇κ4↔τ6]. Essa preferência do rotacismo em onsets complexos pode ser relacionada à discussão da escala de sonoridade realizada por Tem Tem (2010): o tepe seria preferido em relação à lateral por apresentar uma sonância maior de acordo com a escala – oclusivas < fricativas e vibrantes < nasais < laterais < glides e tepes < vogais. Para o contexto de onset complexo, a tonicidade da sílaba mostra-se relevante para a realização do rotacismo, porque não foi coletada uma palavra sequer em que fosse produzido o fenômeno em sílabas átonas, com exceção da palavra *bíblia*. No caso da realização [∇β4iβ4φ6] mencionada, ocorre a repetição do onset complexo (e do rotacismo) nas duas sílabas, tanto na sílaba tônica quanto na sílaba átona. Na verdade, nessa palavra, houve sempre a repetição do onset, seja com o rotacismo [∇β4iβ4φ6] ou não [∇βλιβλφ6].

Na análise também foram encontrados processos de apagamento e duplicação da lateral. Ocorreu apagamento da lateral nas palavras [βισι∇κ↔τ6], [βιβιο∇τ↔κ6], [∇παστΣικY], [φo∇4↔στ6], [τε∇κ4αδY], [φα∇με~γY], [∇φo] e a duplicação nas palavras [βλιβλιo∇τ↔κ6], [∇βλιβλφ6], [τλε∇κλαδY]. Houve 14 (quatorze) apagamentos e 24 (vinte e quatro) duplicações da lateral em contexto de onset complexo, sendo realizados pelos seis informantes tanto nos testes de leitura quanto nos de nomeação de imagens. Esse resultado difere daquele apresentado por Gomes e Souza (2015), que defendem que, nos casos de onsets complexos com o [l], seria mais comum o rotacismo do lateral do que seu apagamento.

Nas tabelas 3 e 4, constam as palavras que sofreram apagamento e duplicação, com o número para cada caso nas tarefas de nomeação e de leitura e o total de ocorrências do processo.

Tabela 3: Realização de apagamento com /l/ em onset complexo

Palavras com apagamento	Total de dados	Apagamento na nomeação	Apagamento na leitura	Total de apagamento
[βισι∇κ↔τ6]	22	-	02	02
[βιβιο∇τ↔κ6]	10	-	01	01
[∇παστΣικY]	08	-	01	01
[φo∇4Eστ6]	11	01	04	05

[τε∇καδΥ]	12	-	01	01
[φα∇με~γΥ]	07	-	01	01
[∇φο]	21	02	01	03

Fonte: Elaborada pelos autores

Tabela 4: Realização de duplicação com /l/ em onset complexo

Palavras com duplicação	Total de dados	Duplicação na nomeação	Duplicação na leitura	Total de duplicação
[βλιβλιο∇τΕκ6]	19	02	04	06
[τλε∇κλαδΥ]	12	-	01	01
[∇βλιβλφ6]	19	09	08	17

Fonte: Elaborada pelos autores

Analisando as tabelas 3 e 4, observa-se que, diferentemente do verificado para o rotacismo, os processos de apagamento e duplicação estiveram mais presentes na tarefa de leitura, com exceção da palavra *bíblia*, em que há as ocorrências de duplicação se dividem quase igualmente entre a nomeação e a leitura. Esse resultado aponta a necessidade de analisar com mais detalhes os efeitos da alfabetização na realização dos segmentos.

4.2.2 Onset complexo com /4/ - tepe/vibrante simples

Para efetivação dos testes, foram apresentadas sete palavras aos informantes em que consta o tepe ou vibrante simples no onset complexo. Os vocábulos são compostos de uma a quatro sílabas, a citá-los, *cruz*, *cravo*, *livro*, *brócolis*, *estrela*, *frigideira* e *microfone*. As palavras possuem o /4/ no onset complexo em sílabas átonas e tônicas.

As palavras citadas formariam um grupo total de 28 (vinte e oito) repetições para cada informante (totalizando 168 ocorrências), contando os dois momentos dos testes de nomeação de imagens e de leitura. Deve-se fazer a ressalva para as palavras que não foram proferidas nos testes e para o teste de leitura que só foi realizado uma vez por duas informantes. Assim, foram produzidos 102 dados nesse contexto.

Nesse contexto aconteceu a troca do /4/ por /l/ (lambdacismo) em uma palavra específica. O informante IA nos testes de leitura e nomeação de imagens realizou a variante [∇βλΟκολισ] nas duas vezes de cada teste. O fato aconteceu de maneira esporádica, sem mais nenhuma situação registrada com os outros informantes. Por se tratar de uma situação singular, mas que o informante repetiu em todos os momentos em que reproduziu a palavra *brócolis*, podemos deduzir que se trata de um traço que a criança produz nesse contexto específico e com essa palavra comum ao seu repertório lexical. Assim sendo, é possível supor que seja uma forma já cristalizada para esse falante.

Aconteceram casos de os informantes pronunciarem algumas palavras apagando o tepe (vibrante simples), como [∇κυσ] por DC na nomeação de imagens (duas vezes); [φιζι∇δε46] por AM (duas vezes) e IA (uma vez) na leitura da palavra; [μικΟ∇φονΙ] por AM (uma vez) na leitura e DC (duas vezes), LS (duas vezes), MJ (uma vez) na nomeação de imagens; e [εσ∇τελ6] por DC (duas vezes), LS (duas vezes) na nomeação de imagem e LS (uma vez), MJ (uma vez) na leitura.

A tabela 5 mostra as palavras que houve apagamento do /4/ em onset complexo, apresentando o total de dados, os apagamentos nas nomeações e nas leituras e o número total de apagamentos.

Tabela 5: Ocorrências de apagamento do /4/ em onset complexo

Palavras	Total de dados	Apagamento na nomeação	Apagamento na leitura	Total de apagamento
[∇κυσ]	14	02	-	02
[φιζι∇δε46]	07	-	03	03
[μικΟ∇φονΙ]	18	05	01	06
[εσ∇τελ6]	19	04	02	06

Fonte: Elaborada pelos autores

A tabela 5 mostra que o apagamento do tepe ocorreu tanto na tarefa de nomeação quanto na de leitura, diferentemente dos dados relativos à lateral (tabela 3), em que o apagamento foi mais comum na atividade de leitura. Assim, conforme já mencionado, são necessários mais estudos para analisar a influência do aprendizado da escrita nos realizações de apagamentos.

4.2.3 Coda com /l/

Para o contexto silábico em que se tem a consoante lateral - /l/ na coda, o teste comportou nove palavras. As palavras são *sal* e *mel*, com uma sílaba; *Brasil*, *bolsão* e *calça*, com duas sílabas; *algema*, *algodão* e *álcool*, com três sílabas; e *alfabeto* com quatro sílabas. As palavras foram selecionadas por conter a consoante lateral na coda em sílaba átona e tônica.

O conjunto com a lateral na coda silábica seria composto por 36 (trinta e seis) palavras para cada informante (216 no total) divididas entre os dois momentos dos testes. Esse número diminui nas situações em que as palavras não foram realizadas e quando duas das informantes não realizaram um dos testes de leitura. Diante disso, o número de dados é 124 nesse contexto.

Nos testes não houve alternância do /l/ por /r/ ou /4/ – resultado diferente daquele encontrado por autores como Antenor Nascentes e Silvio Elia a partir de dados de Costa (2006). Os informantes não realizaram o rotacismo no caso dessas palavras, mas

fizeram outro processo com um dos vocábulos citados anteriormente. Com a palavra “álcool”, os informantes AM, DC, IA, LS, MV e MJ apagaram a sílaba final /ol/, reproduzindo [∇αωκΥ].

Uma possível explicação para a ausência de alternância do /r/ ou /4/ por /l/ em coda seria que no português brasileiro seus falantes não produzem o /l/ na coda. Segundo Seara et. al (2011), quando o fonema /l/ está em posições pós-vocálicas no Brasil utilizam-se duas variantes: na região sul a variante velar [5] e nas outras regiões, maior parte do país, a variante vocalizada [ω]. Sendo assim, os itens lexicais estudados nos testes foram pronunciados com a variante vocalizada [ω], exemplificando, [∇σάω], [∇μΕω].

4.2.4 Coda com /R/ - tepe/vibrante simples e vibrante múltipla

Para o contexto silábico em que o /r/ vibrante múltipla ou /4/ tepe/vibrante simples (eles não possuem oposição) está na coda, temos nove palavras, que foram escolhidas a partir do critério de uma a quatro sílabas, temos: *mar*, *colher*, *porta*, *árvore*, *remador*, *nadador*, *sorvete*, *professor* e *borboleta*. Outro critério importante é a vibrante múltipla ou a vibrante simples/tepe estar em sílaba átona e tônica.

O grupo em que as vibrantes estão na coda silábica somaria 36 (trinta e seis) palavras para cada informante (216 no total) realizadas em dois testes de leitura e dois testes de nomeação de palavras, com restrição das situações em que os itens lexicais não foram pronunciados e no teste de leitura que não foram realizados por duas das informantes. Desse modo, o contexto de vibrantes em coda apresenta 133 dados.

Nesse contexto de análise, não foram encontradas trocas do /r/ ou /4/ por /l/. Os informantes em nenhuma das nove palavras do teste fizeram substituição dos róticos na coda, porém realizaram o processo de apagamento das vibrantes. O apagamento aconteceu, principalmente, no final das palavras, como em: [∇μα], [ηεμα∇δο], [κΟ∇ΛΕ], [π4οφε∇σο] e [ναδα∇δο], mas houve alguns informantes que também apagaram o /r/ ou /4/ na posição de coda no meio da palavra, como em [∇αωπΟ4Ι], [βοβο∇λετ6] e [σο∇πετΣΙ]. A única palavra em que não houve apagamento foi [∇πΟ4τ6].

Na tabela 6, constam as palavras que sofreram apagamento, seguidas pelos números dos dados com os respectivos apagamentos nas nomeações e nas leituras e, por fim, o total de ocorrências com apagamentos.

Tabela 6: Ocorrências do apagamento do /R/ em coda

Palavras	Total de dados	Apagamento na nomeação	Apagamento na leitura	Total de apagamento
[∇μα]	09	02	05	07
[ηεμα∇δο]	07	-	05	05
[κΟ∇ΛΕ]	17	11	04	15

[π4οφε∇σο]	19	10	08	18
[ναδα∇δο]	07	02	03	05
[∇απ04I]	15	02	-	02
[βοβο∇λετ6]	18	02	02	04
[σο∇πετΣI]	20	05	07	12
[∇π04τ6]	21	-	-	-

Fonte: Elaborada pelos autores

Com relação à posição de coda, observa-se que o apagamento foi encontrado tanto em coda medial quanto em coda final. A coda final mostrou-se mais sensível ao apagamento, sendo essa a realização preferida nos cinco vocábulos analisados. Assim, nota-se que a posição da coda é importante para a realização do fenômeno. O comportamento da coda ilustra ainda a afirmação de Selkirk (1982) de que essa é a posição mais fraca da estrutura silábica, estando mais sujeita a processos de apagamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a estudar o processo do rotacismo nas posições de coda e onset complexo, investigando a substituição da lateral em crianças do ensino fundamental (2º ano). Foram considerados aspectos linguísticos, especialmente a tonicidade da sílaba e o número de sílabas na palavra e alguns aspectos extralinguísticos, como o sexo e o nível de alfabetização dos informantes.

Os resultados alcançados com os testes a partir do perfil dos informantes não construíram um padrão para as ocorrências do rotacismo. Os fatores sociais de sexo e nível de alfabetização não determinaram um grupo característico que realize o processo, pois os informantes que realizaram uma maior quantidade de rotacismo eram de sexos diferentes e em graus de alfabetização diferentes. Desta forma, os fatores extralinguísticos parecem ser pouco influenciadores nas ocorrências do rotacismo nesta pesquisa.

Quanto a fatores linguísticos na produção do rotacismo, no decorrer da análise, observamos regularidade. O processo de rotacismo foi realizado de forma majoritária no ambiente em que a consoante lateral estava no onset complexo. Não encontramos casos de rotacismo na coda, constatando ainda uma situação isolada de alternância de /4/ por /1/.

Outro fato significativo encontrado no teste foi a realização do rotacismo em sílabas tônicas. Em todos os itens lexicais em que ocorreu o rotacismo, a tonicidade da sílaba influenciou, visto que o processo foi observado em sílaba tônica e não em sílaba átona. Quanto ao número de sílabas da palavra, não houve um padrão para o rotacismo.

É importante salientar a diferença das ocorrências do rotacismo nos testes de leitura e nomeação de imagens. O processo aconteceu em maior número nos testes de nomeação,

quando as crianças viam imagens; já quando as crianças tinham contato com a palavra escrita nos testes de leitura, as ocorrências de rotacismo diminuíram. Esse comportamento parece indicar uma influência do aprendizado da escrita como fator inibidor da realização do rotacismo (como apontado em análises anteriores).

Apareceram na pesquisa ainda processos como a duplicação e o apagamento. Ambos os processos ocorreram na pesquisa nas posições silábicas de onset complexo e coda. Citamos como exemplo a ocorrência da palavra *bíblia*, caso que se mostrou unânime na duplicação em onset complexo, sendo realizada com rotacismo [∇β4ıβ4φ6] ou sem o rotacismo [∇βλıβλφ6]. Os apagamentos se concentraram nos itens lexicais que o /R/ estava na coda em posição final das palavras, como em [π40φε∇σ0].

Na pesquisa não contemplamos todos os meios possíveis para aprofundar o estudo. Um trabalho posterior talvez possa contar com um levantamento de palavras diferentes com contextos mais diversificados e em maior número, com uma quantidade de informantes maior e em faixas etárias diferentes. Essa ampliação da amostra permitirá considerações mais acuradas acerca das características do grupo analisado a partir inclusive de um tratamento estatístico dos dados. Ademais, outro desdobramento possível é a análise acústica dos dados, trazendo uma caracterização mais acurada do ponto de vista fonético. Por fim, é possível abordar também os efeitos da alfabetização na ocorrência do rotacismo de forma mais detalhada, analisando como a aquisição da escrita (e as diferentes fases da leitura pelas quais a criança passa) influencia neste fenômeno.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49 ed. Loyola: São Paulo, 2007.

CHOMSKY, N; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

COSTA, L. T. *Estudo do rotacismo: variação entre as consoantes líquidas*. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

COSTA, L. T. *Abordagem dinâmica do rotacismo*. 2011. 173 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FREITAG, R. M. K. et al. “Vamos prantar froes no grobo da terra”: estudando o rotacismo nas séries iniciais da rede municipal de ensino de Moita Bonita/SE. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, Sergipe, v. 2, n. 2, p. 17-31, 2010.

GOMES, C. A.; SOUZA, C. N. R. Variáveis Fonológicas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto. 2003.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HOOPER, J. B. *An introduction to Natural Generative Phonology*. New York: Academic Press, 1976.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

PEREIRA, F. F. L.; ALBUQUERQUE, T. S. C. de. Síncope e rotacismo: uma investigação de fenômenos linguísticos no falar de indivíduos de Patos de Minas e região. *Revista Crátulo*, Patos de Minas, v. 8, n. 1, p. 34-42, ago. 2015.

SEARA, I. C. et al. *Fonética e Fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. (Ed.) *The Structure of Phonological Representations*. Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-383.

TEM TEM, L. F. *Rotacização das líquidas nos grupos consonantais: representação fonológica e variação*. 2010. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].